



## **Notícias em trânsito: apontamentos teóricos e metodológicos sobre a comunicação da notícia no espaço urbano <sup>1</sup>**

Beatriz Silva GOES <sup>2</sup>

Mirna Feitoza PEREIRA <sup>3</sup>

Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM

### **Resumo**

O presente artigo apresenta resultados parciais de pesquisa de iniciação científica em que se busca compreender a comunicação da notícia no jornalismo impresso a partir da dinâmica do espaço urbano nos cruzamentos de grande fluxo de veículos nas Avenidas Constantino Nery e Djalma Batista na cidade de Manaus (AM). Parte-se da hipótese de que a cidade é por natureza um lugar de produção de linguagem e comunicação. A partir de uma abordagem transdisciplinar em que se utilizam conceitos da geografia, da comunicação e da semiótica, e de observação direta do objeto de pesquisa por meio de formulário feito especificamente para este fim, busca-se identificar as qualidades que interferem na comunicação da notícia no espaço geográfico/espaço semiótico estudado.

**Palavras-Chave:** Jornalismo Impresso, Espaço Urbano, Semiosfera.

### **Introdução**

O presente *paper* relata a investigação parcial de um fenômeno observável diariamente nas grandes cidades: a comunicação das notícias anunciadas pelos jornais impressos no espaço do trânsito. Posicionados em semáforos, congestionamentos, cruzamentos, terminais de ônibus, entre outros espaços de tráfego intenso, jornalheiros exibem as manchetes dos jornais diários movimentando-se por entre carros, enquanto

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 6 – Interfaces Comunicacionais do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 1 a 3 de junho de 2011.

<sup>2</sup> Graduanda do 5º período do curso de Jornalismo da UFAM. Bolsista PIBIC/CNPq (2010/2011). Email: [beatrizsgoes@gmail.com](mailto:beatrizsgoes@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora do curso de Jornalismo da UFAM. Email: [mirnafeitoza@gmail.com](mailto:mirnafeitoza@gmail.com)



motoristas, passageiros e transeuntes se apressam para ler os títulos e ver as fotos das chamadas das primeiras páginas, decidindo se compram ou não um exemplar.

Entre os jornais que circulam no espaço do trânsito das grandes cidades brasileiras, além dos jornais da cidade em que se realiza esta pesquisa, estão o Metrô News e o Super Notícia, de São Paulo e Belo Horizonte, respectivamente.

Com o *slogan* “São Paulo circula com ele”, o jornal Metrô News é distribuído gratuitamente de segunda a sexta, desde 1974, em todas as estações de metrô da cidade, segundo site do próprio jornal. Tornou-se, então, um exemplo de hábito de leitura em trânsito em São Paulo. São 150 mil exemplares diários, com edição e distribuição realizadas pela Empresa Jornalística Folha Metropolitana Ltda. O Super Notícia circula em meio ao trânsito de Belo Horizonte. Fundado em 1º de maio de 2002, o jornal da Sempre Editora Ltda já atinge uma circulação diária de 295 mil exemplares, segundo dados do Instituto Verificador de Circulação (IVC) do ano de 2010. Em estudo sobre o Super Notícia, Arruda (2009) fala sobre como a venda desse jornal nas ruas, em meio a vias de grande fluxo de veículos, dá a cômoda opção ao leitor de adquirir seu exemplar em meio a correria do dia-a-dia.

A investigação do processo comunicativo da notícia do jornalismo impresso no trânsito ganha especial relevância em Manaus em face do re-ordenamento provocado no mercado jornalístico local pelo jornal Dez Minutos. Lançado em 2008 em diversos pontos de venda e especialmente nas ruas, o jornal se tornou rapidamente o diário de maior circulação da capital, desbancando o jornal A Crítica – tido até então como o de maior circulação –, e o próprio Diário do Amazonas, principal produto jornalístico do grupo Ana Cássia, ao qual também pertence. Atualmente o jornal Dez Minutos é 13º jornal mais vendido do país, sendo o mais lido do Norte-Nordeste, chegando a 100 mil exemplares por dia, segundo o Instituto de Verificação de Circulação do País (IVC), estando à frente de diários de renome nacional, como Lance (SP), Correio Braziliense (DF), O Dia (RJ), O Estado de Minas (MG), Valor Econômico (SP) e Jornal da Tarde (SP).

A extraordinária circulação alcançada pelo jornal Dez Minutos, com venda realizada exclusivamente nas ruas<sup>4</sup>, por si só ressalta a importância de um estudo sobre

---

<sup>4</sup> Isto implica dizer que o jornal não é vendido por assinatura, mecanismo que garante a manutenção da tiragem de grande parte dos jornais da chamada “grande imprensa”, como O Globo, Folha de S. Paulo e Estado de S. Paulo.



os processos comunicativos da notícia no espaço urbano, sobretudo considerando a crise que afeta os jornais impressos em todo o mundo, que têm diminuído drasticamente suas tiragens em face da migração cada vez maior de leitores para os meios digitais conectados à internet.

Ao mesmo tempo, a pesquisa tende a oferecer uma contribuição diferenciada para as discussões científicas na área da Comunicação, onde a pesquisa e o ensino ainda são marcados pelas determinações dos meios tecnológicos, em detrimento das linguagens e dos espaços envolvidos na comunicação.

Destaca-se ainda que, embora latentes, as relações entre jornalismo e espaço urbano carecem de exploração científica. Ainda que a urbanização crescente da vida moderna figure no conjunto de fatores que impulsionaram o aparecimento dos estudos comunicação (vide Polistchuk & Trinta, 2003, p. 76; França, 2001, p. 52-3) e no desenvolvimento do próprio jornalismo (Pena, 2008, p.36), esta aproximação ainda está por se desenvolver.

Na pesquisa cujos resultados parciais são relatados neste *paper*, as relações entre jornalismo e espaço urbano estão sendo construídas a partir de conhecimentos gerados nas áreas da Comunicação, da Semiótica e da Geografia. O desafio é verificar de que modo ocorre o processo comunicativo da notícia do jornalismo impresso no espaço do trânsito. Trabalha-se com a hipótese de que o trânsito, no momento em que os veículos enfileiram-se em congestionamentos, semáforos, cruzamentos, constitui um espaço de comunicação no qual funcionam linguagens, entre as quais, as notícias anunciadas pelos jornais diários. Supõe-se que, nesse espaço, as condições do trânsito interferem no funcionamento das linguagens que habitam esse espaço e na comunicação da notícia.

A hipótese fundamenta-se no conceito de semiosfera, proposto por Yuri Lotman (1996), e no conceito de espaço, de Milton Santos (2006). Lotman (1996) define semiosfera como o espaço semiótico necessário à existência e ao funcionamento das linguagens, da comunicação, da semiose. Conforme ele, fora da semiosfera, não podem existir nem comunicação nem linguagens. Santos (2006) pensa o espaço a partir da interação entre fixos e fluxos. De acordo com ele, os fixos são estáveis, cada vez mais artificiais e fixados ao solo, e os fluxos instáveis, cada vez mais diversos, amplos, numerosos e rápidos. Para Santos, a realidade geográfica se expressa e aparece como objeto possível por meio da interação entre fixos e fluxos.



Outros autores também colaboram na construção da fundamentação teórica, especialmente Ferrara (1986, 2007, 2008, 2010), Machado (2001, 2003), Silva Junior (2008), Rocha (2008), Mollier(2008).

O objetivo geral é evidenciar de que modo ocorre a comunicação da notícia do jornalismo impresso em meio aos cruzamentos de maior fluxo de veículos das Avenidas Djalma Batista e Constantino Nery, tendo como objetivos específicos: (i) identificar na dinâmica do cruzamento as condições que interferem na comunicação da notícia; (ii) descrever as relações envolvidas no processo de comunicação da notícia em meio ao cruzamento; (iii) analisar o espaço do cruzamento como espaço de comunicação.

A pesquisa, em nível de iniciação científica, está vinculada ao projeto de pesquisa “Espaços semióticos urbanos: um estudo da comunicação a partir das interferências do espaço urbano na dinâmica dos sistemas de signos”, em execução na UFAM sob coordenação da Profa. Dra. Mirna Feitoza Pereira, com financiamento do CNPq/Fapeam, Programa Primeiros Projetos (PPP).

Este *paper* apresenta apontamentos teóricos e metodológicos do projeto “Notícias em trânsito: a comunicação da notícia do jornalismo impresso a partir da dinâmica do espaço urbano”, desenvolvido no âmbito do Programa Institucional de Iniciação Científica (PIBIC), da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), com bolsa do CNPq.

Na primeira parte do paper, apresenta-se a fundamentação teórica, que se divide em três sub-tópicos: Cidades midiáticas; Espaço de comunicação e Espaço semiótico. Em cidades midiáticas fala-se da idéia de uma cidade como um rico espaço de comunicação em suas mais diversas formas e em especial, da relação existente entre jornal e cidade. Já em um segundo momento, busca-se uma aproximação do conceito de espaço de Milton Santos refletindo sobre seus fixos e fluxos e sua importância nos estudos sobre a cidade. Por último, no sub-tópico espaço semiótico, trata-se da cidade como um sistema de comunicação e linguagem, partindo de conceitos de semiosfera e semiose para a compreensão da comunicação.

Na segunda parte do paper, apresenta-se a metodologia que se utiliza na pesquisa em andamento, com relação aos fins, a sua natureza e aos métodos de procedimento. Além de uma pequena explanação sobre a abordagem utilizada e o universo da pesquisa e sua amostragem.



No fim, esse paper já se volta às considerações parciais. Aborda-se as dificuldades encontradas ao longo do caminho da pesquisa, as modificações que foram feitas depois de uma primeira observação assistemática do objeto e discussões gerais sobre o tema.

### **Cidades midiáticas**

É preciso lembrar que esta proposta de estudos não vê a comunicação como mera veiculação de conteúdos. Considera-se aqui a comunicação como um processo semiótico codificado por meio de signos diversos: sons, escritas, gestos, imagens. A cidade como campo de comunicação e lugar comunicacional. É a partir dessa perspectiva que se analisará o ambiente urbano. Segundo Rocha (2008), cidades midiáticas são:

Cidades que cada vez mais se estruturam em termos de processos comunicacionais. Imagens e imaginários, modos de viver nas cidades que se espelham e se espalham através de veículos, formas e conteúdos midiáticos. Simbiose profunda entre o lugar midiático e o espaço-tempo urbanos. (Rocha, 2008, p.91).

Neste contexto, a cidade passa a ser ela própria uma mídia, sendo o desafio compreender como a vida urbana se constitui por meio das relações comunicativas. No que toca o jornalismo, se na aurora das sociedades modernas a leitura dos jornais seguia o ritmo das passantes que flanavam no nascente espaço urbano, na atual fase do capitalismo pós-industrial a leitura das notícias se dá em trânsito. Das bancas de revistas afixadas nas praças e passeios públicos, os jornais também passam a ser consumidos nas vias de grande fluxo e nos espaços de grande circulação das cidades: semáforos, congestionamentos, cruzamentos, terminais de ônibus, entre outros. Jornaleiros exibem as manchetes do dia movimentando-se em meio ao fluxo do trânsito, enquanto condutores de veículos, passageiros e transeuntes se apressam para ler os títulos e as fotos das chamadas da primeira página, decidindo se vão levar ou não um exemplar. Enquanto na França do século XIII ou mesmo no Brasil do século XIV, o consumo de notícias se dava nos bancos das praças, hoje, ele também se dá em meio ao trânsito, nesse espaço de descontinuidade.



O jornal é uma mídia das ruas, dos espaços urbanos. Agora é também um veículo inserido no fluxo de dados da cidade informacional. A própria cidade se transforma nisso. Mantém-se a ligação do jornal com seu aspecto urbano. Muda a urbanidade, muda a forma como a urbanidade se apresenta ao jornal (Pryston; Cunha *apud* Junior, p.148-149)

Esses jornaleiros “usam” esse tempo do semáforo para vender seus impressos. A descrição que Mollier (2008) nos dá dos mascastes do século XIII até faz lembrar o que acontece com esses “vendedores de rua” do século XXI:

...esse gritadores de um gênero particular que utilizavam seu órgão vocal e sua gesticulação para interromper o passante, fazê-lo cair em sua lábia, atraí-lo, por um momento, para seu universo mágico e fazê-lo comprar o impresso que assegurava sua subsistência (Mollier, 2008, p.165)

A cidade e o jornal impresso estão intrinsecamente relacionados. As dinâmicas do jornal na cidade e da cidade no jornal são o recorte de tema dessa iniciação científica.

### **Espaço de comunicação**

Trabalhar a cidade é, acima de tudo, reconhecer a importância do espaço. Afinal, é nele que acontecem as ações dos sujeitos no mundo. Mas, deve-se lembrar de que a cidade não se atém apenas ao espaço urbano físico (ruas, avenidas, praças); ela também é constituída de ordens imaginárias. É ocupada e modificada pelo homem. Ferrara (2010) nos faz pensar na relação entre o espaço e a cidade. Por mais que os conceitos de espaço e cidade se relacionem, eles não são iguais:

Hibridizam-se o urbano e a cidade, o concreto e o intangível, o urbano construído e a cidade habitada. Desponta a contradição inerente ao espaço urbano: enquanto matéria funcional, jamais poderia agasalhar a conexão social e, muito menos, a rede de subjetividades que caracteriza a cidade(...) (Ferrara, 2010, p.174)

Um fenômeno específico. É assim que a cidade é vista por Ferrara (2010). A autora nos mostra como a cidade pode adquirir outras funções, além das funções físicas, materiais, que têm o espaço urbano. Se o que caracteriza o espaço urbano são suas



funções fixas e predeterminadas, o que caracteriza a cidade, por outro lado, são suas relações sociais, suas trocas, o cotidiano imprevisível. E todos esses papéis desempenhados pela cidade, não estão prontos, ali, indicados por uma seta. Ferrara (2007) reconhece a importância do observador nos estudos sobre a cidade:

(...) perceber a cidade não é uma manifestação dela, mas um modo de fazê-la significante para uma percepção que lhe empresta significado. A percepção da cidade não está nela, mas na própria inteligência que a percebe (...) (Ferrara, 2007, p.11)

A autora lembra que a cidade está lá, com seus milhares de significados e facetas. Tudo está lá, mas precisa-se de um observador que crie algum sentido para aquelas imagens.

Para Santos (2006) pensar a cidade implica considerar seus fixos e fluxos. O espaço não é mais o lugar inerte a que se estava acostumado, ele é fruto da relação entre os fixos e os fluxos e, a partir dela, ele tem uma dinâmica e se transforma:

Fixos e fluxos juntos, interagindo, expressam a realidade geográfica e é desse modo que conjuntamente aparecem como um objeto possível para a geografia. Os fixos são cada vez mais artificiais e mais fixados ao solo; os fluxos são cada vez mais diversos, mais amplos, mais numerosos, mais rápidos (Santos, 2006, p.62)

Observa-se que o autor define fixos e fluxos, sendo os fixos estáveis e os fluxos instáveis. A dificuldade está em apreender os fluxos, estudá-los, observá-los. Um grande exemplo disso é esta própria iniciação científica, “Notícias em trânsito”. Ela tem como objeto de estudo o trânsito como espaço de comunicação, mas precisamente, os cruzamentos das Avenidas Djalma Batista e Constantino Nery. Contudo, o trânsito não é estático, não é fixo. Ele muda com o passar do tempo, e é esse o desafio de que Santos (2008) fala. Os fluxos são “amplos, numerosos e rápidos”.

A cidade é ainda um resultado da ligação entre espaço e lugar. Contudo, ao contrário do que o senso comum afirma, espaço e lugar são coisas diferentes. Borelli; Oliveira (2008) define:

“Existe espaço sempre que se leva em conta vetores de direção, quantidade de velocidade e a variável tempo [...] O espaço estaria para o lugar como a palavra quando falada, quando percebida na ambigüidade de uma efetuação [...] Diversamente do lugar, não tem a univocidade nem a estabilidade de um “próprio” [...] o espaço é um lugar praticado. Assim, a rua geometricamente definida por um



urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres.” (Borelli, Oliveira, 2008, p.115)

O autor destaca que o espaço é onde acontece a ação. O lugar só vira espaço quando um sujeito atribui um sentido a ele, agindo-o e transformando-o. Nas avenidas e nas ruas, por todos os lugares da cidade circulam personagens que, com suas práticas e lógicas, marcam-na e agem sobre ela, modificando-a. Um grande exemplo disso são os jornaleiros que atuam sobre diversos cruzamentos. O cruzamento, de lugar, vira espaço, pois esse vendedor de rua atribuiu um significado a ele. De um lugar de espera passa a ser um inusitado ponto de vendas.

A forte articulação entre cidade e espaço mostra como é importantíssima a contribuição que a geografia pode dar para esta iniciação científica. Espaço diversificado, agido, praticado. É através dessa noção que se busca compreender a rede de subjetividades que caracteriza a cidade.

### **O Espaço Semiótico**

Além das qualidades desse espaço geográfico, faz-se necessário entender também o que é e quais são as características do espaço semiótico que Lótman definiu como semiosfera. Por analogia ao conceito de biosfera, ele propõe a semiosfera como o espaço semiótico da cultura, uma esfera em que os sistemas de signos encontram-se em plena interação, em outras palavras, em processo de semiose.

“...todo el espacio semiótico puede ser considerado como um mecanismo único (si no como um organismo). Entonces resulta primario no uno u otro ladrillito, sino el *gran sistema*, denominado semiosfera”. (Lótman, 1996, p.24).

Entendida como um grande sistema, a semiosfera é estudada por Lotman a partir da dinâmica dos sistemas de signos da cultura, uma esfera em que as linguagens encontram-se em atividade produtiva, em semiose. Daí o entendimento da semiosfera como um mecanismo único, dinâmico e vivo e que é necessário para o processamento da informação. Além disso, como um organismo vivo, possui uma diversidade interna que vai garantir a sua integralidade. As diversas linguagens terão diferentes tempos para se manifestarem. É na semiosfera que ocorrerá um processo chamado semiose. Pode-se definir semiose, a partir de Irene Machado (2003), como o lugar de produção de





mensagem, isto é, de transformação da informação em signo; de geração e circulação de sentido.

A abordagem semiótica propõe outro modo de ver a comunicação, que não é mais vista apenas como uma troca de informações em que emissor e receptor encontram-se isolados, repartidos. A partir do ponto de vista semiótico, a construção de sentido implica uma relação dialógica entre os participantes da comunicação, envolve interação de códigos. Em vez de uma codificação pelo emissor e uma decodificação pelo receptor, se tem uma codificação/descodificação/ recodificação. Emissor e receptor implicam-se mutuamente.

### **Material e Métodos**

Uma vez que se constrói a partir da intersecção de conhecimentos da Comunicação, da Semiótica e da Geografia, a pesquisa adota uma abordagem transdisciplinar dos processos comunicativos. Conforme Ramos (2009), a transdisciplinaridade está ao mesmo tempo no campo disciplinar, entre as diversas disciplinas, podendo ir além, ao procurar a compreensão do mundo por meio da unidade do conhecimento. De acordo com ele, essa abordagem rompe com as dualidades (sujeito-objeto, matéria-consciência, simplicidade-complexidade, reducionismo-holismo), reintegra o sujeito na construção do conhecimento, considera que o conhecimento e o pensamento estão em constante movimento, ultrapassando o pensamento clássico e abarcando vários níveis da realidade. (Ramos, 2009, p. 15)

Com relação aos fins, trata-se de pesquisa básica, voltada à compreensão teórica dos processos comunicativos do jornalismo impresso a partir de uma visão semiótica transdisciplinar. Adotar o ponto de vista semiótico para os estudos da comunicação (MACHADO, 2005, pp. 279-309) consiste focar no funcionamento dos processos do signo e da significação. Assim, o objeto será abordado a partir da semiose, do princípio de autogeração dos signos que garante às mensagens, como sistemas organizados de signos, uma dinâmica dialógica e inventiva na cultura. Na abordagem semiótica da comunicação, a semiose é o que permite focalizar as instâncias da comunicação como lugar de produção de mensagem, de transformação da informação em signo, de geração e circulação de sentido, de construção de campos de significação, de criação de circuitos de responsabilidade. (MACHADO, 2005, p.282).



Em sua natureza, a pesquisa é qualitativa, pois busca o reconhecimento das qualidades que constituem o trânsito como espaço comunicativo. Para Minayo (2001:14), a pesquisa qualitativa “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e nos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Com relação aos objetivos, trata-se de pesquisa descritiva, uma vez que se ocupa em descrever as características do processo de comunicação da notícia em meio ao trânsito.

Com relação aos métodos de procedimentos, envolve pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo. A pesquisa bibliográfica está sendo realizada por meio de levantamentos, leituras, fichamentos, resumos e resenhas de referências teóricas já analisadas e publicadas em meios impressos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, página de web sites sobre o tema estudado. A pesquisa de campo envolve coleta de dados por meio de observação estruturada de modo indireto, com registro realizado em formulário desenvolvido especialmente para este fim (ver Apêndice). O instrumento de coleta foi montado a partir de observações assistemáticas de reconhecimento do objeto e do avanço na assimilação da fundamentação teórica empregada.

O universo da pesquisa é constituído por cruzamentos que ocorrem ao longo das avenidas Djalma Batista e Constantino Nery, entre os quais serão escolhidos os de maior fluxo de veículos para compor a amostragem (de acordo com dados dos órgãos oficiais de regulação do trânsito da cidade de Manaus). As duas avenidas foram escolhidas por se tratarem duas vias arteriais de ligação entre a região central e as zonas periféricas da cidade de Manaus. Os procedimentos de observação serão realizados no mês de abril. Os períodos de observação ocorrerão no turno matutino, momento em que os jornais são vendidos.

Os dados coletados serão analisados por meio de análise interpretativa, especialmente à luz dos conceitos de semiosfera (Lotman, 1996) e espaço (Santos, 2006), envolvendo (i) formulação de afirmações, principalmente através de indução; (ii) revisão do corpo de dados para testar e tornar a testar a veracidade das afirmações em face das evidências, e (iii) reformulação das afirmações, sempre que isso se tornar necessário.



### **Considerações parciais**

O desenvolvimento da pesquisa até este momento colocou alguns desafios metodológicos importantes para a identificação do próprio objeto. Neste sentido, o desenvolvimento do instrumento de coleta foi ele mesmo um grande avanço nesta primeira fase, tendo em vista a dificuldade de inserir, no formulário, categorias que colaborassem para o reconhecimento do espaço do trânsito como espaço de comunicação da notícia. Optou-se por um formulário com questões fechadas, para um preenchimento mais rápido e preciso das informações necessárias, visto que o tempo do sinal, período em que se observa a venda de jornais em meio aos veículos, dura apenas alguns minutos.

Para verificar a adequação do instrumento, foi realizado um teste-piloto no cruzamento das Avenidas Constantino Nery com Pedro Teixeira no dia 12 de janeiro de 2011, às 8h10. Nesse teste-piloto foi verificado aspectos da eficácia do próprio instrumento e do procedimento de aplicação. Constatou-se que a primeira versão do formulário ainda era insuficiente para apreender o objeto da pesquisa. Foram acrescentadas algumas questões. O tempo de aplicação ficou em torno de 1 minuto para cada formulário, ou seja, para cada “fechada” de sinal. Assim, destaca-se o desenvolvimento do formulário como o principal resultado parcial da pesquisa até o momento.

Outra alteração importante em relação ao projeto original foi no título, que passou de “Notícias em trânsito. O consumo de notícias no jornalismo impresso a partir da dinâmica do espaço urbano”, para “Notícias em trânsito. A comunicação da notícia no jornalismo impresso a partir da dinâmica do espaço urbano”. O ajuste se deu em face da necessidade de destacar o foco central da pesquisa, que são os processos



comunicativos da notícia no impresso, e não a vendagem do jornal. Com isso, os próprios objetivos da pesquisa foram atualizados.

Com a crescente urbanização das cidades brasileiras, percebe-se cada vez mais a necessidade da comunicação e o jornal ainda é um grande suporte utilizado para se obter informações. Mas, ao contrário do início da era moderna, ele não apenas é vendido na banca, como algo estático, ele está nas ruas, nos cruzamentos, nos fluxos da cidade. Reforça-se aí, então, a importância de se estudar a comunicação da notícia no jornalismo impresso a partir da dinâmica do espaço urbano.

A dificuldade está em apreender este objeto da pesquisa, ou seja, o jornal em meio ao cruzamento, já que o próprio trânsito é imprevisível e dinâmico. Mas faz-se necessário voltar os olhos para este fenômeno que é extremamente rico, o fenômeno de se viver nas grandes cidades e o mais importante, o de se comunicar nelas.

## Referências

ARRUDA, Renata Kelly de. **Leitura em trânsito: uma aproximação com as práticas de produção, difusão e leitura do jornal super notícia.** 2009. 134f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009

BORELLI, Silvia Helena Simões; OLIVEIRA, Rita de Cássia Alves. Vida na metrópole: comunicação visual e intervenções juvenis em São Paulo. In: PRYSTHON, Angela; CUNHA, Paulo (org.). **Ecos urbanos. A cidade e suas articulações midiáticas.** Porto Alegre: Sulina, 2008.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais.** Petrópolis: Vozes, 2006.

CRUZ, Nina Velasco e. Cidade, modernidade e fotografia: Brassai, um flâneur em Paris. In: PRYSTHON, Angela; CUNHA, Paulo (org.). **Ecos urbanos. A cidade e suas articulações midiáticas.** Porto Alegre: Sulina, 2008.

FRANÇA, V.V.. O objeto da comunicação/A comunicação como objeto. In: FRANÇA, V.V., HOHLFELDT, A., MARTINO, L.C.. (org.). Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências. Petrópolis: Editora Vozes, 2001. pp.39-60.



FERRARA, Lucrécia D'Alessio. **A estratégia dos signos: linguagem, espaço, ambiente urbano**. São Paulo: Perspectiva, 1986.

\_\_\_\_\_. A mobilidade como contradição do espaço urbano. In: **MATRIZES**. Rev. Do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo. Ano I, vol.1, 2010, pp.165-177. <http://www.matrizes.usp.br/ojs/index.php/matrizes/article/view/204>. Acesso em 02.01.2011.

\_\_\_\_\_. **Comunicação espaço cultura**. São Paulo: Annablume, 2008.

\_\_\_\_\_. **Curitiba: do modelo à modelagem**. São Paulo: Annablume; Curitiba: Champagnat, 2007.

LOTMAN, Yúri. **La semiosfera I. Semiótica de la cultura y del texto (selección e traducción Del ruso Desiderio Navarro)**. Madrid: Frónesis Cátedra Universitat de València, 1996.

MACHADO, Irene. **Escola de Semiótica. A experiência de Tártu-Moscou para o estudo da cultura**. Cotia: Ateliê Editorial, 2003.

\_\_\_\_\_. O ponto de vista semiótico. In: FRANÇA, V.V., HOHLFELDT, A., MARTINO, L.C.. (org.). **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2001. PP.279-308.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa (org.). **Pesquisa social: teoria, método, criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001. 80 p.

MOLLIER, Jean-Yves. **A Leitura e seu público no mundo contemporâneo: ensaios sobre história cultural (tradução Elisa Nazarian)**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

PENA, F.. **Teoria do jornalismo**. 2ª. Edição, 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

POLISTCHUK, I. & TRINTA, A.R.. **Teorias da comunicação. O pensamento e a prática da comunicação social**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

RAMOS, Albenides. **Metodologia da pesquisa científica: como uma monografia pode abrir o horizonte do conhecimento**. São Paulo: Atlas, 2009.

ROCHA, Rose de Melo. Cidades palimpsestas, cidades midiáticas: limiaridades e errâncias que produzem significação. In: PRYSTHON, Angela; CUNHA, Paulo (org.). **Ecos urbanos. A cidade e suas articulações midiáticas**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado**. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

\_\_\_\_\_. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SILVA JUNIOR, José Afonso da. Fluxos de notícias e cidades: redes digitais, urbanidade e o lugar do jornal. In: PRYSTHON, Angela; CUNHA, Paulo (org.). **Ecos urbanos. A cidade e suas articulações midiáticas**. Porto Alegre: Sulina, 2008. pp. 137-152.



ZILBERMAN, Regina. **Fim dos livros, fim dos leitores?**. São Paulo: SENAC, 2001.